

AS MÚLTIPLAS FACES E A BELEZA DE HELENO DE FREITAS: ENTRE A BOEMIA, O FUTEBOL, OS LENITIVOS E A LOUCURA

Márcia Barros Valdívia¹

Resumo: As experiências e vivências do jogador de futebol Heleno de Freitas trazem resíduos boêmios dos dândis e flêneurs do século XIX, assim como a boemia que o acolheu. Dessa forma, constrói-se a análise do presente artigo entre as tramas e os dramas de ser homem, belo e jovem na modernidade marcada pelo hedonismo.

Palavras-chave: Dandismo; Hedonismo; Boemia.

THE MULTIPLE FACES AND THE BEAUTY OF HELENO DE FREITAS: AMONG BOHEMIA, FOOTBALL, THE RESPITE AND MADNESS

Abstract: *The experiences of soccer player Heleno de Freitas bring bohemian waste dandies and flâneurs nineteenth century, as well as the bohemian that welcomed him. Thus, build up the analysis of this article between the plots and dramas of being a man, handsome young in modernity marked by hedonism.*

Key-words: *Dandyism; Hedonism; Bohemia.*

O dandismo é, ao longo do tempo, aquilo que o suicídio é num único momento: rejeição categórica do meio social – e não raro ele desemboca no suicídio [...]. O papel do herói, conferido ao dândi na tragédia moderna, corresponde ao espírito de oposição e revolta, e seu caráter trágico consiste no fato de sucumbir necessariamente na luta contra a trivialidade da existência.

Dolf Oehler. Quadros Parisienses (1830-1848)

¹ Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e docente da Universidade Ibirapuera (UNIB). E-mail: <darasherazade@yahoo.com.br>.

Ao desenvolver pesquisas das quais foram feitas análises de discursos médicos, uso e abuso de lenitivos, a temática do corpo veio à tona onde outros trabalhos tomaram forma com a preocupação de compreender a historicidade da relação beleza e sofrimento. O primeiro deles buscou pela sociabilidade boêmia dos anos 50, o uso e o abuso alcoólico na vida da cantora Maysa Matarazzo. A beleza em forma de tristeza se fez notória na vida de uma mulher considerada à frente de seu tempo por seu comportamento diante da vida, dos amores, da maternidade e dos desamores. Naqueles anos, como em outros anteriores à referida década, outras personagens também tiveram suas vidas envoltas com a questão do uso de lenitivos e com a boemia e foram rotuladas como vidas desregradas, inconformadas e classificadas como doentes pelo discurso médico.

Em relação à temática da beleza, foram encontrados inúmeros trabalhos de diversas áreas que perpassam a medicina, a biologia, a história, a psicologia e as ciências sociais. Mas a maioria das pesquisas e dos estudos está focada na beleza feminina. Assim, um desafio surgiu: buscar historicizar a beleza masculina e os conflitos sofridos pelo homem que também chorou, se desesperou, e, como sujeito histórico, experimentou e viveu os excessos na boemia.

A vida do jogador de futebol Heleno de Freitas foi eleita para essa análise porque, nela, houve a interface entre o futebol, os excessos da vida noturna e a loucura. Muitos ainda o reconhecem como o célebre jogador de futebol, para outros companheiros de seu tempo foi um boêmio viciado em éter e mulheres. Para elas, foi um galã sedutor, para sua família um problema, para os médicos alguém que sofria perturbações mentais.

Imagem 1. Heleno de Freitas



Fonte: NEVES, 2012, p. 8.

As experiências e vivências de Heleno de Freitas trazem resíduos boêmios dos dândis e flêneurs do século XIX, assim como a boemia que o acolheu. Dessa forma, constrói-se, aqui, a análise pretendida entre as tramas e os dramas de ser homem, belo e jovem na modernidade marcada pelo hedonismo. A face futebolística e boêmia foi retratada no livro *Nunca houve um homem como Heleno*² e no filme *Heleno*³, no qual o ator Rodrigo Santoro viveu a personagem do jogador: um homem intenso, impulsivo, compulsivo e belo. Porém, este artigo se preocupa em trazer uma reflexão que vai além dos dados biográficos, território já explorado pelo jornalismo e pelo cinema.

Gilda! 1947 é o título do primeiro capítulo do referido livro. Heleno de Freitas fora comparado à personagem vivida por Rita Hayworth em 1946. Beleza, sedução, personalidade marcante e indomável compunham o arquétipo da mulher fatal nos anos 40, mas entre elas circulavam, também, os homens belos e fatais. A comparação entre Heleno de Freitas e a personagem Gilda é pertinente para a compreensão daqueles homens que marcaram a época com suas belas figuras e seus excessos vividos em seus próprios corpos.

O acaso quis que Heleno jogasse futebol, daí o ineditismo dessa narrativa: um drama cinematográfico, estrelado por um galã de calções e chuteiras, da praia aos estádios, das boates ao hospício, tudo em apenas 39 anos de vida, 304 jogos como profissional e 249 gols que valeram por mil.⁴

O ilustre jogador esteve no Fluminense, Botafogo, Boca Juniors (Argentina), Vasco, Atlético Junior (Colômbia), Santos (onde não chegou sequer a disputar uma partida oficial), América e Seleção Brasileira. Nos anos 40, viveu um longo período áureo no clube alvinegro, no qual participou de 235 jogos e marcou 209 gols. Após essa fase, foi declinando e terminou no América em 1951. Seus principais títulos foram o Campeonato Carioca de 1949 pelo Vasco e o Campeonato Carioca de Aspirantes no mesmo ano. Pela Seleção, conquistou a Copa Roca em 1945 e Copa Rio Branco em 1947, além de ter sido artilheiro do Sul-americano de 1945. Depois de sair da cena dos campos de futebol, terminou sua vida internado em um hospital psiquiátrico em Barbacena, fruto das complicações da sífilis.

Viveu sua adolescência e juventude na capital do país dos anos 30 e 40, a cidade maravilhosa ficou ainda mais interessante com a presença do jovem garboso que desfilava entre os principais pontos de encontro juvenis da época. A família Freitas migrou para Rio de Janeiro após a mãe de Heleno, Dona Maria Rita, ter ficado viúva. Sendo assim, no ano de

² NEVES, Eduardo Marcos. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

³ Com a direção de José Henrique Fonseca produzido e estrelado em 2012 por Rodrigo Santoro, o filme é uma cinebiografia do jogador de futebol Heleno de Freitas.

⁴ Comentário de Ruy Castro. In: NEVES, op. cit., 2012. Contracapa.

1933 vendeu a casa em Barbacena, no Estado de Minas Gerais⁵ e passou a morar no Posto 6, na rua Conselheiro Lafaiette, nº 29, 3º andar, apartamento 7 do Bairro de Copacabana. Heleno foi matriculado em um colégio rígido chamado São Bento, que ficava próximo à praça Mauá. Como um adolescente de seu tempo, dividia-se em estudar, andar de bicicleta e fazer precocemente footing pela avenida Atlântica. Tinha paixão pelo futebol que era praticado, até então, como esporte amador até mesmo por jovens da elite carioca.⁶

Nas “peladas” disputadas nas areias cariocas, Heleno já demonstrava ter um temperamento difícil e explosivo, brigava muito com seus pares, mas chamava atenção pelo seu modo de jogar. Neném Prancha, roupeiro e massagista do Botafogo no ano de 1935, levou o inquieto menino Heleno, com quinze anos de idade, para treinar no juvenil do Botafogo. Pouco tempo depois, o Botafogo extinguiu esse departamento de futebol e Heleno foi jogar no Fluminense. Aos dezesseis anos, jogava como médio volante até que o técnico uruguaio, Carlomagno, achou que ele tinha talento para jogar no ataque. Foi no time Laranjeiras que Heleno foi, aos poucos, aprimorando suas habilidades como atacante. Heleno queria ser efetivado no elenco de profissionais. Já tinha dezenove anos e não queria mais entrar em um jogo ou outro, mas Carlomagno não tomava a decisão de efetivá-lo. Heleno brigou com o técnico, pegou suas coisas e foi embora. Naquela noite, aborrecido, Heleno não saiu de casa para conversar e beber com seus amigos.

⁵ Nascido em São Nepomuceno, cidade no interior de Minas Gerais, em 1920, Heleno de Freitas era de uma família rica e tradicional da região. Seu nome é fruto de uma promessa de sua mãe, que passou por complicações durante o parto e era devota de Santa Helena. Foi uma criança amada, onde todas as necessidades materiais foram supridas, assim, nunca lhe faltou nem dinheiro nem carinho e nem afeto de sua família, apesar de se tornado órfão com a morte de seu pai quando ainda tinha apenas 11 anos de idade. Mas cresceria o pequeno Heleno ao lado dos cinco irmãos, Rômulo, Marina, Heraldo, Oscar e Vera Maria, os gêmeos Lúcio e José Lúcio morreram ainda crianças. Gostava de jogar futebol nos campos de várzeas ainda em sua cidade natal e, posteriormente, nas areias de Copacabana quando, em 1933, toda a família mudou-se para o Rio de Janeiro.

⁶ A História do futebol no Brasil iniciou em 1895 pelas mãos dos ingleses, assim como na maioria dos outros países. Os primeiros clubes começaram a se formar neste período. Assim como a fundação dos clubes, a prática também era restrita à elite branca. Diz-se que a primeira bola de futebol do país foi trazida em 1894 pelo paulista Charles Willian Miller. A aristocracia dominava as ligas de futebol enquanto o esporte começava a ganhar as várzeas. No entanto, há registros que afirmam que o esporte já havia sido praticado no país anteriormente. Em 1874, marinheiros disputaram uma partida em praias cariocas. O pioneirismo de Miller também é contestado pelo Bangu Atlético Clube e afirma ser o escocês Thomas Donohoe quem introduziu o esporte em terras brasileiras. Thomas, que era um técnico da firma inglesa *Platt Brothers and Co*, tinha sido contratado para ajudar na implantação da fábrica textil de Bangu em 1894, teria ido à Inglaterra e de lá trazido uma bola, dando pontapé ao primeiro jogo de futebol brasileiro, em maio de 1894, quatro meses antes de Miller. Já para o historiador Loris Baena Cunha, haveria registros de uma partida entre funcionários ingleses da Amazon Steam Navigation Company Ltd., da Parah Gaz Company e da Western Telegraph, no Pará, em 1890. Há também outras histórias não comprovadas. É dito que, em 1882, um homem chamado Mr. Hugh teria introduzido o futebol em Jundiá, entre seus funcionários. Diz-se também que entre 1875 e 1876, no campo do Paissandu Atlético Clube, na cidade do Rio de Janeiro, funcionários de duas companhias teriam jogado uma partida. Contudo, a hipótese a partir de Charles Miler é a mais aceita e difundida no cotidiano brasileiro. Cf.: CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Autor, s/d. In: FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Um deles, João Saldanha, estranhou sua ausência e foi para sua casa. Depois de muita conversa, convenceu Heleno a voltar para o futebol e ir para o Botafogo. Saldanha sabia que o craque Carvalho Leite estava no fim de sua carreira. Assim, em 02 de abril de 1940, Heleno assinou seu primeiro contrato profissional, já como jogador do famoso time na época. Em 1942, Heleno foi o artilheiro do estadual pela primeira vez com a incrível marca de 34 gols em 32 partidas.

Seu futebol refinado, ao mesmo tempo rápido, e dotado de uma habilidade única, ganhou prestígio rapidamente. Entre os gols de classe e as jogadas de efeito, Heleno também foi soltando sua forte personalidade. Era exigente e não aceitava falhas ou um simples e ocasional erro de passe. Xingava os companheiros, encarava os árbitros, desafiava os adversários, até com os torcedores ele brigava. Continuou com os ânimos exaltados, seu nervosismo e falta de domínio próprio o acompanharam por toda sua carreira. Estava sempre insatisfeito, oscilando entre a euforia e a tristeza, era sujeito próprio de seu momento histórico, dos tempos modernos no universo urbano, repletos de muitas insatisfações.

A presente reflexão busca compreender a face de Heleno de Freitas em sua essência como pessoa, sua trajetória é fruto de seu tempo, onde o hedonismo, a euforia, a vaidade, a glória e fracasso estiveram presentes. O contexto histórico da juventude de Heleno perpassa a segunda metade da década de 30 e toda a década de 40. Sua fase madura e posteriormente decadente foi vivida no início dos anos 50 até a sua morte no ano de 1959. Seu gênio indomável o fez conhecido; sua beleza, seus excessos e seu futebol o fizeram inesquecível.

Conhecido não por alguns, mas por muitos. Se possível por milhões. Enquanto ainda não dedicava-se por impressionar as mulheres no footing [...] andando sem destino de um lado para outro, esguio e bem arrumado, paquerava bastante, lançava olhares até para as mais velhas [...] olhares, muitas vezes, retribuídos.⁷

Foi no cenário do entre e pós-guerras que Heleno viveu e experimentou os mais variados tipos de excessos: abusou da bebida alcoólica, do cigarro, do éter, das relações sexuais com prostitutas, das brigas e desavenças dentro e fora do campo de futebol. Sua vida esteve entre a boemia e o jogo. É importante ressaltar que, historicamente, o uso e abuso de substâncias psicotrópicas⁸ ocorreram exatamente no momento de crises e rupturas de sistemas

⁷ NEVES, op. cit., 2012, p. 33.

⁸ Substâncias que agem diretamente no Sistema Nervoso Central (SNC), ou seja: alteram e ou ativam os neurotransmissores (elementos neurológicos que se localizam dentro dos neurônios) e são responsáveis pela transmissão de mensagens sensoriais. É importante frisar que as drogas não criam neurotransmissores e, sim, os alteram e/ou ativam, nessa química pode haver destruição de neurônios. Cf.: VALDIVIA, Márcia Barros. *A São Paulo Glamourosa*. Encantos e Desencantos. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo. 2008. Tese de Doutorado, 2008.

hegemônicos, nos quais os paradigmas anteriores podem ser abalados e substituídos por outros.

Faz-se pertinente demonstrar um panorama geral da sociabilidade boêmia em outros tempos para vir à tona elementos que permanecem residuais na vivência de Heleno de Freitas. Para compreendê-lo como sujeito da modernidade em sua temporalidade, optou-se pela interface de sua figura com os resíduos de elegância, beleza e conquista vividos pelos dândis do século XIX.

A boemia não foi novidade e nem especificidade no Brasil dos anos 30, 40 e 50 e, tão pouco, única. Piero Camporesi, em sua obra *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na Época das Luzes*⁹, descreve hábitos sociais expressos na moda, nos gestos, nas tendências filosóficas, enfim, no convívio entre as pessoas na Europa do final do Século XVIII, no qual o hedonismo aparecia e cada cidade mudava com a presença das noites nas tabernas francesas e inglesas. Esse autor pontua a respeito da sociedade de consumo e de seus prazeres, nos quais se deu a cristalização inicial sobre o imaginário a respeito da boemia como sinônimo de alegria e de confraternização noturna, carregada de inconseqüências, em especial, juvenis.

Segundo Diogo de Castro Oliveira, na obra *A boemia literária no Rio de Janeiro no fim do século*¹⁰:

A boemia pertence à era moderna, ou seja, ao mundo edificado pelo florescimento da economia industrial, pela radicalização do individualismo na vida social, e pelo definitivo deslocamento de massivos contingentes populacionais para as áreas urbanas. Nessa atmosfera de crescente racionalização do mundo, em que a sociedade se tornava essencialmente produtiva e especializada e cujas as funções sociais se tornavam fundamentais umas às outras em termos de complementaridade, todos aqueles desprovidos de um papel social estável e de uma determinada função no maquinismo coletivo, todos que estivessem fora da cadeia produtiva, sem representação política, sem vínculos familiares respeitáveis, alheios às normas sociais tradicionais e sobretudo à moralidade das classes abastadas, formavam o que se habituou a chamar de boemia.¹¹

Com isso, fica claro que os discursos hegemônicos são os que classificam, normatizam e rotulam os grupos sociais. Pensando no Brasil do Século XIX, na boemia viviam artistas de rua, criminosos, prostitutas, literatos proletarizados, estudantes pobres ou ricos, jovens rebeldes, agitadores, revolucionários e alguns imigrantes e mendigos, enfim, aquelas pessoas desajustadas ao sistema que poderiam ser encontradas em qualquer centro

⁹ CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na época das luzes*. São Paulo: UNESP, 1996.

¹⁰ OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Anarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008.

¹¹ É importante esclarecer que, quando o autor acima citado afirma que os boêmios não tinham representação política, isso quer dizer que eles não tinham partidatismo ligado à hegemonia, pois muitos tiveram ligação política com a oposição, ao modo de vida burguesa.

urbano do ocidente, que reverenciavam e tinham como referência os aspectos da vida boêmia europeia.

Para Jerrold Seigel, na obra *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930)*¹², a boemia foi um fenômeno social que teve lugar em diversos pontos do planeta e em diferentes épocas. Refere-se ao estilo de vida especial surgido no século XIX, nas décadas de 1830 e 1840.

Na França, popularizou-se especialmente nas histórias de Henri Murger (1822-1861), tendo como destaque a obra *Cenas da vida boêmia*¹³, de 1848, que se transformou em livro após a publicação de suas histórias em folhetins escritos no contexto das Revoluções de 1848 na França. O referido autor é um nome importante para entender a boemia como a que compreendemos atualmente: um modo de vida (des)regrado, na busca pelo prazer encontrado nas substâncias, na música, na dança, na literatura, no bate-papo, nos relacionamentos afetivos, no sexo, e no cuidado do corpo para ser exibido de forma bela como objeto de desejo, entre outros elementos.

Em 1789, a Revolução Francesa registrou o início de uma série de acontecimentos que alteraram o quadro político, social e cultural da França estendendo-se por toda Europa e influenciando outros continentes. A Revolução realizou uma ruptura importante dos costumes na passagem do século XVIII ao XIX. Neste período, a emergência do conceito de indivíduo na filosofia dos Direitos do Homem e a emergência da cultura burguesa centrada na privacidade doméstica são algumas razões históricas das transformações do cuidado de si na cultura ocidental. É no curso do século XIX que o sentimento de individualidade aumenta consideravelmente. Podemos citar alguns exemplos de novas práticas de subjetivação: a transformação dos nomes pessoais (prénoms, na cultura francesa), a difusão do retrato pessoal, da fotografia e do jornal íntimo dentro de algumas classes, a reorganização do interior da casa burguesa afim de dividi-la entre o espaço privado e o espaço de recepção. No mais, o corpo suscita um novo interesse e o banho deixa de ser uma prática excepcional e passa a ser um reflexo de higiene – costume que ainda não fazia parte do cotidiano. Uma vez que essas novas atitudes incitam a intensificação dos valores da vida privada, elas são construtoras de um individualismo na cultura moderna – ou seja, à exaltação da singularidade individual cuidadosamente protegida e organizada pelas classes burguesas.¹⁴

¹² SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930)*. Porto Alegre: LPM, 1992.

¹³ MURGER, Henri. *Cenas da vida boêmia*. Porto: Lello e Irmão, s/d.

¹⁴ CASTRO, Fausto Galvão de. O “cuidado de si” em Platão e em Balzac: algumas páginas da história da subjetividade. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. X, n. 4, p. 1286, dez. 2010.

O cuidado do corpo possui historicidade¹⁵ em seus modos de pensar e fazer a higienização, a desodorização, o vestir e o apresentá-lo publicamente. Para a compreensão desses elementos, partimos do século XIX, período que se intensificou a relação do sujeito consigo mesmo, como indivíduo responsável por seus atos na história da subjetividade no Ocidente. Nesse período, o dandismo foi uma das possíveis manifestações do cuidado de si, representado pela figura do homem moderno que quer se impor como sujeito livre e autossuficiente, na constante busca de realizações.

A Revolução Industrial incitou mudanças estruturais na economia e nas relações sociais que influenciaram diretamente a maneira de vestir das pessoas e fez-se presente, também, no vestuário masculino. A partir daí, a aparência dos homens deveria ter o refinamento e a elegância. A soberba e a ostentação do luxo real vividos pelos governos absolutistas cederam lugar a uma aparência máscula e austera, características de um homem conquistador, empreendedor e provedor.

As linhas de produção fabris produziam vários produtos inclusive peças para o vestuário que unificaram padrões e condutas. A partir de 1840, com surgimento da máquina de costura, estabeleceu-se a base da indústria *Prêt à Porter*¹⁶ produzindo roupas com maior rapidez. Porém, ao mesmo tempo, as preocupações com a roupa, modos e gestos tornaram-se excessivas e os indivíduos desejavam demonstrar sua personalidade, a qual poderia ser vista publicamente.

Diante desses fatos, fez-se necessário ressaltar que os ornamentos extravagantes presentes no século XVIII, deveriam fazer parte das vestes femininas, voltadas também para sua cultura estética. Os homens preocupavam-se com a praticidade. O modo masculino de vestir mudou em relação ao século anterior, os excessos eram vistos como deselegantes. Sobriedade era a palavra da vez, portanto, as vestes deveriam estar nas cores

¹⁵ Reflexões das ciências sociais, médicas, biológicas e artísticas procuram compreender estética da beleza. Ocorre que os padrões estéticos são mutáveis e estão inseridos culturalmente em diversas sociedades. Para realizar o estudo dessa temática é necessário identificar os principais aspectos da beleza em cada temporalidade onde o ser humano buscou ser belo desde a antiguidade. Cf.: VIGARELO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

¹⁶ Em 1840, com o surgimento da máquina de costura, estabeleceu-se a base para a indústria *prêt-à-porter*, expressão que se traduz por pronta para usar. As cinco principais capitais da moda dos séculos XIX e XX passaram a ser, então, Paris, Londres, Nova York, Roma e, mais recentemente, Milão. Cf.: LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

preto e azul-escuro, a indumentária era composta de cartolas (usadas em todas as classes sociais), calças muito apertadas presas ao arco do pé, casacas, sobretudos e bengalas.¹⁷

É necessário observar que o dândi era um homem vaidoso que colocava uma grande quantidade de tempo, energia e dinheiro em sua aparência. Embora nem todos os boêmios foram dândis, e nem todos os dândis viveram nas boemias¹⁸, houve uma sobreposição substancial entre os dois arquétipos que, por sua vez, foram personagens marcantes na literatura, na poesia e nos contos e novelas de vários autores como: Henry Murger, Edgar Allan Poe, Balzac, Vitor Hugo, Charles Baudelaire, entre outros. Assim como a outra personagem, o Flanêur passava seus dias perambulando pelas ruas e cafés de Paris, com um fraque e uma cartola, saboreando a cidade com absinto a fazer poesia.

Boemia e dandismo são faces de uma mesma moeda; são o artificial, o antinatural – a contemplar o mundo natural. São máscaras que Baudelaire usava, e muito bem, para circular em meio à sociedade que ele detestava. O boêmio e o dândi eram personagens que permitiam a Baudelaire viver novas experiências – imediatamente incorporadas à sua poesia.¹⁹

Segundo Mônica Velloso, no livro *Mário Lago: boemia e política*²⁰, havia a presença dos escritores contemporâneos, a Henri Murger, na boemia carioca na virada do Século XIX para o XX. A maioria dos boêmios conhecia a obra daqueles autores, não só conheciam como procuravam inspirar suas vidas nas personagens de suas obras. Buscavam a sensação da embriagues puramente dos sentidos.

Heleno de Freitas apareceu como um dândi extraviado na boemia carioca do final dos anos 30 e início dos anos 40, embora durante o Estado Novo (1937 a 1945), houvesse um recrudescimento das leis e fiscalizações sobre o tráfico e sobre os usos e abusos de drogas. Isso não quer dizer que, de fato, houve a diminuição do problema. Embora o álcool não tenha se encaixado em nenhuma legislação de proibição total, o seu uso e abuso eram indiscutivelmente moralizados.

¹⁷ Para um homem ser considerado bem vestido, necessitava de quatro tipos de casacos: sendo quatro casacos para a manhã, sobrecasaca, casaca e, sobretudo, (um de cada), seis calças para o dia e uma para noite, quatro coletes para o dia e um para noite, luvas, chapéus, lenços e gravatas, ou seja, uma roupa dita como distinta e não extravagante. Cf.: ANDERSON, F. A moda dos cavalheiros: um estudo da Henry Poole and Co, alfaiates da Savile Row 1861-1900. *Fashion Theory: a revista da moda, corpo e cultura. Masculinidades [edição especial]*, edição brasileira, n. 4, dez. 2002.

¹⁸ Conforme já analisou a autora Maria Izilda Santos Matos, o ser boêmio e a própria boemia trazem consigo multiplicidades de manifestações e vivências, sendo um universo heterogêneo e complexo. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de; FÁRIA, Fernando. *A melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

¹⁹ MENEZES, Marcos Antonio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur. *Revista fato & versões*, Universidade Federal do Paraná, n. 1, v. 1, p. 74.

²⁰ VELLOSO, Mônica. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Já nos carnavais daquele Rio romântico, os mais festeiros tomavam prises de lança-perfume, droga liberada em épocas de momo. Heleno não negava um bom lenço por perto. Visto que festa para ele não era apenas em fevereiro. Todo fim de semana era sagrado. Sábado e domingo pareciam feitos para jogar bola e curtir bailes. Dançava muito bem. Aprumado com ternos talhados em tropical brilhante, importados da Inglaterra, ou de linho branco, sabia conduzir as parceiras em valsas e polcas como ninguém. Sua preferência, no entanto, era o jazz [...] as pessoas cantavam e dançavam ao som das big bands [...].²¹

A importância conferida à aparência do belo dândi flâneur Heleno de Freitas e sua insatisfação com a vida, sua busca incessante aos prazeres encontrados no corpo das mulheres, no entorpecimento dos sentidos, até chegar ao desalento da loucura, estão presentes em toda a sua vivência no Rio de Janeiro dos finais da década de 30 até o início da década de 50, quando inicia a sua verdadeira decadência. É interessante observar os resíduos da boemia *baudelaireana* na Paris da década de 30, 40 e 50 do século XIX, na experiência de vida de Heleno exatamente nas referidas décadas do século XX.

Ao narrar seu primeiro encontro com Baudelaire, Théophile Gautier relata sua impressão, reconhecendo no poeta a aparência de um dândi: “Charles Baudelaire pertence àquele dandismo sóbrio que passa lixo no terno para tirar-lhe o brilho endomingado e trincado de novo tão caro ao filisteu e tão desagradável para o verdadeiro gentleman”. Àquela época, Baudelaire era ainda um talento inédito; gozava de seus 21 anos, rico e morador em um dos apartamentos do Hôtel Pimodan (hoje Hôtel Lausun), onde se reunia o clube dos usuários de haxixe de Paris, o que lhe rendeu inspiração para escrever “Paraísos Artificiais”. Foi o momento em que contraiu as primeiras dívidas, que arruinariam seu orçamento para o resto da vida.²²

Na década de 1930 e 40, temos o Brasil com ares de modernidade atrelada ao capital externo e uma política baseada no autoritarismo varguista mediante à implantação do Estado Novo (1937-1945). A ideologia nacionalista, a necessidade de crescimento econômico e o verdadeiro crescimento populacional deram à cidade do Rio de Janeiro o ar de metrópole cosmopolita. Devido a esses fatores, a cidade passou a ocupar um lugar central na vida das nações latinas, tanto no campo político quanto no campo cultural. Tiveram, também, seus referenciais monumentais/arquitetônicos como o Cristo Redentor e o Cassino da Urca²³, e,

²¹ NEVES, op. cit., 2012, p. 45.

²² MENEZES, op. cit., p. 68.

²³ O Hotel-Balneário, que foi construído para abrigar os visitantes da Exposição Internacional de 1922, comemorativa do Centenário da Independência do Brasil se tornou muito famoso quando transformado em cassino no ano de 1933. O Cassino da Urca reunia um complexo de diversões para acompanhar as horas de lazer, ao lado da principal atividade que eram os jogos de roleta e outros. Os shows apresentavam artistas nacionais e internacionais. Atingiu seu auge nos anos de 1939 a 1941 com as apresentações de Carmem Miranda, época que foi considerada, por muitos, uma das melhores e mais badaladas casas noturnas do mundo, e que também serviu, de certa forma, de passaporte para carreira nos Estados Unidos da “pequena notável”. Porém, em 1946, houve a extinção, por lei, dos jogos no país, o que determinou o fechamento do cassino. Cf.: MEDEIROS, Bianca Freire. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

também, suas personagens artísticas como cantores, músicos, instrumentistas, atores, e jogadores de futebol que se tornaram ídolos. A

[...] vida de Heleno se passou majoritariamente no Rio de Janeiro. Esta, uma vez capital da República e cidade mais populosa do país, encerrava um modelo de sociedade para o restante do Brasil. Pelas escolhas narrativas feitas na obra Heleno, poderia afirmar que ele é um filho da modernidade. Estímulos sensoriais diversos permeavam seu dia-a-dia na metrópole carioca, aproveitando tudo o que essa nova realidade cidadina hiperestimulada podia lhe oferecer. Se absorvermos acriticamente as teses sobre a estimulação nervosa proporcionada pela cidade moderna, em autores como Simmel (2004) e Singer (2004), poderíamos conjecturar que Heleno era um produto exemplar dos “malefícios” desse novo mundo – o perfil exato de um homem tragado pelo nervosismo e pela agitação crônica.²⁴

Heleno foi um sujeito da modernidade/modernização, fenômeno que induziu os seres humanos a uma busca incessante de prazer em bens materiais e/ou sentimentais, mas produziu seres que carregaram dentro de si uma insatisfação constante. Traços da personalidade co-dependente foram encontradas em sua pessoa, ele, que requereu sempre algo ou alguém e viveu em fúria dentro e fora do campo de futebol, muitas vezes frustrou-se, não conseguiu se libertar de relacionamentos conflituosos, possuiu comportamentos compulsivos, desenvolveu o vício pela inalação do éter, foi um adicto, ou seja, um escravo de desejos tão evidentes na vida e nas personagens de Baudelaire.

Benjamin acredita que Baudelaire não encontrou satisfação em sua época. A sua falta de convicção o fazia sempre assumir uma nova personagem – boêmio, apache, dândi e trapeiro: papéis representados entre tantos. “Pois o herói moderno não é o herói – apenas representa o papel de herói. A modernidade heroica se revela como tragédia onde o papel do herói está disponível”. A cada dia, Baudelaire tinha uma aparência. Courbet, ao pintar seu retrato, reclama que a fisionomia do poeta mudava rapidamente, o que dificultava o trabalho; num dia, seu belo e perfumado cabelo era repentinamente substituído por um escalpo bizarramente raspado. Inusitado, Baudelaire não só mudava a aparência, como também fazia exaltação à embriaguez como forma de enfrentar a realidade. Esse aspecto pode ser visto no poema em prosa Embriaguem-se, em que afirma: “É preciso estar sempre embriagado. Aí está: a única questão. Para não sentir o fardo horrível do Tempo que verga e inclina para a terra, é preciso que se embriaguem sem descanso”. O poeta francês ainda lança um último olhar ao dândi e o vê como o herói da modernidade, como redentor de um cotidiano “fausticante” e estéril.²⁵

A vida de Heleno foi intensa, o exagero estava presente a todo o tempo, estivera sempre muito bonito, muito elegante, muito perfumado, muito atraente, muito amável, muito amante, muito alegre, eufórico, vitorioso e amoroso, mas também muito agressivo, muito

²⁴ AMARO, FAUSTO. Heleno, “Diamante Branco”: o que o herói pode nos dizer de sua cultura? *Revista Esporte e Cultura*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012, p. 10.

²⁵ MENEZES, op. cit., p. 73.

ausente, muito ferido, muito triste, muito desleixado, desarrumado, odioso e embriagado. Mudava de aparência, sua persona desfilava entre o arquétipo do herói galã ao herói bandido, do príncipe encantado metamorfoseava facilmente para um playboy inconsequente ou um D. Juan envolvente. Passava as noites no Copacabana Palace, Cassino da Urca ou boate Vogue, acompanhado dos amigos do Clube dos Cafajestes, grupo de *bon vivants* da alta sociedade. Sua vida se esvaía com os uísques, lenços encharcados de éter e cigarros da marca Continental.

Como qualquer cafajeste, Heleno era chique, cheio da grana, tinha um conversível na garagem, fascinava as mulheres. Era arrasador nos dois sentidos. Sua favorita, Diamantina, por exemplo, uma loura escultural que ganhava a vida no Cassino Atlântico como *crooner* da orquestra do maestro Fon-Fon, sofria horrores com ele. Cintura fina, pernas de fora em saias que lhe realçavam as curvas, seios fartos, Diamantina era uma mulher e tanto. No começo, perdera a conta de quantos ramalhetes seu camarim ganhou de Heleno. Conheceu o craque por intermédio de sua amiga Zita. Bailarina do municipal. Zita na época, namorava Pirica e com a dupla botafoguense dividia uma mesa no cassino. Faltava alguém para acompanhar Heleno. Seria Diamantina. No entanto, o que começou como um conto de fadas, com o passar do tempo foi virando um pesadelo. Não foram poucas as vezes que, ciumento, depois de uma apresentação em que julgou tê-la visto piscar os olhos para os milionários da fileira da frente, Heleno invadiu seu camarim metralhando-a com palavras ásperas. Mesmo que fosse ele quem merecesse ouvir sermões. Inconstante, infiel e, pior, extremamente desejado, Heleno às vezes esquecia do nome de uma ou outra com quem acordava ao lado. Levando uma vida glamorosa, mas promíscua, não é exagero sugerir que a doença tomou conhecimento de sua existência por volta dessa época.²⁶

No final dos anos 40 e início dos anos 50, a industrialização do Brasil, embora dependente do capital externo, era um fato irreversível. A expansão capitalista e urbana aumentava a importância das classes sociais “emergentes”, eram elas: a burguesia industrial e financeira, as camadas médias ligadas à burocracia estatal, às empresas privadas e ao setor de serviços urbanos, como, também, o operariado, em sua maioria, concentrado na região Sudeste. A cidade do Rio de Janeiro, capital do país, caminhou a largos passos para a industrialização ao lado de outras cidades latino-americanas que deram a visibilidade do desenvolvimento, do progresso, da ciência, da tecnologia, da abundância, da racionalidade, da eficiência, enfim, do estado ideal de bem-estar. Dessa forma, o estilo estadunidense oferecia a esperança e os sonhos de consumo, verificados principalmente nas metrópoles.

²⁶ MENEZES, op. cit., p. 119.

Heleno era tipicamente o homem urbano vinculado ao arquétipo do cinema estadunidense. Inserido no contexto do pós segunda guerra (1939-1945), a sua biografia e o seu filme como, também, as fotografias da época demonstram que era um *gentleman*. Intelectualmente inteligente, estudou nos melhores colégios, sabia falar inglês fluentemente e graduou-se em Direito aos 26 anos em 1946 pela Faculdade Nacional de Niterói. Os gestos, entre eles, a mão que segura o cigarro entre os dedos, o andar, o olhar e sua postura cênica dentro e fora dos campos como um jogador de futebol, reproduzia a persona do galã Hollywoodiano.

Sentia-se superior. Não ouvia uma vantagem que não tivesse outra maior para contar. Jogando no Juvenis do Botafogo, autoconcebia-se como um artista, um talento tão reluzente quanto aqueles que se apresentavam nas grandes emissoras [...]. Charme irresistível [...] cigarro entre os dedos, cabelos pretos escorrendo na testa, Heleno julgava-se o maior, o mais belo, o mais bonito. Julgava-se o melhor dos homens.²⁷

Ao observar os comportamentos dos dândis e flaneurs boêmios percebe-se uma contradição no que se refere aos cuidados com o corpo, este que ao mesmo tempo é objeto de prazer em si mesmo vivenciado nas experiências com as drogas psicotrópicas e promiscuidade também é objeto de cuidado quanto as vestes e rituais de toilette. Os excessos em cuidar de si mesmo e entregar-se a esbórnia compõe os perfis das referidas personagens do século XIX, resquícios daquelas experiências foram eloquentes na vivência de Heleno de Freitas que apesar de possuir um belo físico, não tivera hábitos saudáveis para a vida de atleta.²⁸

Em frente ao espelho, o cabelo liso e preto era cuidadosamente penteado da esquerda para a direita e fixado com gomalina. O terno de casimira inglesa, cortado pelo alfaiate De Cicco, o mesmo do presidente Getúlio Vargas, bem alinhado no corpo. Relógio Cartier no pulso, perfume francês e uma última olhada no espelho antes de pegar a chave do Cadillac. Se na mitologia grega, Helena, filha de Zeus e de Leda, era a mais bela e desejada do mundo, no Rio, na década de 1940, tal posto entre os homens pertencia a um Heleno.²⁹

Boêmio declarado e assumido, frequentava os bordéis mais caros do Rio de Janeiro. O uso exagerado do álcool, e outras substâncias, agravaram suas crises de comportamento. Por conta de uma vida tão desregrada, Heleno contraiu sífilis - doença sexualmente contagiosa. Em 1947, Benjamim Sodré, presidente do Botafogo, cansou das constantes expulsões de campo, das exclusividades e dos atrasos de Heleno de Freitas aos treinos. Mandou investigar e comprovou sua vida na boemia. Em alguns bares badalados do centro do Rio de Janeiro, existiam até fotografias do craque penduradas na parede.

²⁷ MENEZES, op. cit., p. 33.

²⁸ Vale ressaltar que várias personalidades do universo futebolístico estiveram envolvidos com substâncias psicotrópicas entre eles estão Garrincha, Sócrates, Marinho Chagas, e Diego Maradona, entre outros.

²⁹ NEVES, op. cit., 2012, p. 100.

Depois de constantes desavenças entre Heleno e a diretoria do time, seu período no Botafogo chegou ao capítulo final no ano de 1948 sem que o craque conquistasse nenhum título carioca. Mesmo com seus 204 gols em apenas 233 jogos, negociou-se seu passe com o Boca Juniors da Argentina. No mesmo ano, Heleno casou-se com Ilma Miranda Corrêa Lisboa, moça de família rica que morou em países europeus, poliglota, inteligente, bonita, elegante e moderna, formava, com Heleno, um par glamoroso que veio a separar-se quando o filho do casal, Luis Eduardo de Freitas, tinha apenas dois anos de idade.

Mesmo quando estava ainda casado continuava na boemia. A mistura de beleza física, corpo atlético, boa lábia e a fama fez com que estivesse nos melhores círculos da sociedade da época e, em especial, entre as mulheres, até mesmo fora do Brasil. Com um quadro de extremo nervosismo, deixou Buenos Aires em abril de 1949 para voltar ao Rio de Janeiro e vestir a camisa do Vasco da Gama. Finalmente campeão carioca de 1949, marcou 19 gols em 24 partidas. Seus excessos e ataques de nervos o fizeram insuportável.

Em 1949, a cidade do Rio de Janeiro preparava-se para a realização da Copa do Mundo e via nascer o gigante de concreto armado que ainda se chamaria Estádio Mendes de Moraes e, posteriormente, Maracanã. Em dezembro do mesmo ano, o nome de Heleno não foi relacionado na lista de pré-convocados do técnico Flávio Costa para a disputa do mundial de 1950.

Decepcionado, Heleno decidiu aceitar o convite do Atlético de Barranquilla da Colômbia, onde foi recebido como uma estrela. Depois do fracasso em sua curta temporada na Colômbia, Heleno voltou ao Brasil e fez apenas um treino no Santos Futebol Clube.

Heleno queria conhecer o novo estádio que era notícia no Brasil e no mundo. Assinou contrato com o time América e atuou em apenas uma partida, sua primeira e única no gramado do Maracanã. Foi expulso aos 35 minutos do primeiro tempo. No vestiário, descontrolado, ainda tentou agredir um fotógrafo. Seu sonho de atuar no “maior estádio do mundo” chegava ao fim.

Em 1952, Heleno foi internado pela primeira vez em uma clínica no bairro carioca da Tijuca por causa da sífilis³⁰ que continuava avançando e consumia sua saúde física e mental. A doença causou-lhe uma exacerbação do seu temperamento indomável. Os seus ataques nervosos se tornaram cada vez mais frequentes e por causas cada vez mais irrisórias. Isso o afastou definitivamente das atividades profissionais e de seus poucos amigos. Passou a beber mais, sendo visto frequentemente com o seu vidro de éter. Corroía o seu patrimônio com gastos até que, dentro de pouco tempo, faliu.

Decadente, delirante, doente, ficou aos cuidados de seu irmão Heraldo de Freitas e foi internado em Barbacena, na Casa de Saúde São Sebastião em 19/12/1954. O quarto era o de número 25, conforme documentos do prontuário 220 guardados em uma pasta com cerca de 120 cartas trocadas entre o médico José Theobaldo Tollendal com Heraldo de Freitas que custeou as despesas de Heleno. Foi o médico que, um mês antes, havia descoberto, em exame na Casa de Saúde Santa Clara, em Belo Horizonte, a doença que mataria Heleno. E, no dia 09 de novembro de 1959, ele faleceu devido à paralisia geral progressiva em decorrência das complicações sífilíticas.

Suas transgressões e valentia ficaram evidentes naquela sociedade tradicional e conservadora. Heleno era uma figura querida e polêmica, mesmo cometendo atos moralmente repreensíveis, seduzia. Marcou uma época, ganhou reconhecimento nacional e internacional, foi conhecido e reconhecido, fosse em seus momentos sóbrios ou insanos.

No juízo final, os satisfeitos e os covardes vão ser os primeiros a se retirar. Alguém pode achar que alguma coisa que eu fiz é impossível, mas não existe impossível para mim. Eu não sou um jogador de futebol. Eu sou a própria vontade de jogar. Eu sou a gana em forma de gente. Eu sou!³¹

Assim foi Heleno de Freitas, aqui representado pela figura do homem moderno que queria se impor como sujeito livre e autossuficiente, na constante busca de realizações. Sua vida foi marcada pelo futebol, pela boemia e pelos lenitivos como o sexo o álcool, o éter e o cigarro, essa mistura explosiva destruiu sua saúde, seu belo rosto e o levou à face da loucura.

³⁰ A sífilis é uma doença infecciosa sexualmente transmissível, causada por uma bactéria espiroqueta chamada *Treponema pallidum*, que se caracteriza, no primeiro estágio, por lesões na pele e mucosas. Depois dessa primeira fase, a doença pode permanecer latente por algum tempo (semanas ou meses) sem sintomas, e reaparecer depois, em um segundo momento, após o qual volta a ficar em latência (dessa vez por anos ou décadas), para reaparecer novamente, já com sintomas graves em um terceiro estágio. Se não tratada adequadamente, a sífilis pode causar sérios danos ao sistema nervoso central afetando também a saúde psíquica (neurossífilis) como também pode ocasionar problemas cardíacos. A sífilis sem tratamento adequado pode ser fatal. Antes da descoberta e do aumento do uso da penicilina, nos anos 1940, a neurossífilis era a principal causa de internação entre os quadros psiquiátricos. Na casa de Saúde, Heleno foi tratado com doses de Benzatcil (*benzilpenicilina benzatina*), antibiótico utilizado para tratar infecções. Ainda hoje, o fármaco é uma das opções mais eficazes para o tratamento da sífilis. Cf.: CARRARA S. *Tributo à Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil*, da passagem do século aos anos 40. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

³¹ Última fala do filme Heleno, na voz do ator Rodrigo Santoro que representou Heleno de Freitas.

Referências

Bibliografia

AMARO, FAUSTO. Heleno, Diamante Branco: o que o herói pode nos dizer de sua cultura? *Revista Esporte e Cultura*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

CASTRO, Fausto Galvão de. O “cuidado de si” em Platão e em Balzac: algumas páginas da história da subjetividade. *Revista mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. X, n. 4, p. 1286, dez. 2010.

CAMPORESI, Piero. *Hedonismo e exotismo: a arte de viver na época das luzes*. São Paulo: UNESP, 1996.

FRANZINI, Fabio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos; FARIA, Fernando. *A melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues: o feminino e o masculino e suas relações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MEDEIROS, Bianca Freire. *O Rio de Janeiro que Hollywood inventou*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MENEZES, Marcos Antonio de. O poeta Baudelaire e suas máscaras: boêmio, dândi, flâneur. *Revista fato & versões*, Universidade Federal do Paraná, n. 1, v. 1.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Anarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2008.

SEIGEL, Jerrold. *Paris Boêmia: cultura, política e os limites da vida burguesa (1830-1930)*. Porto Alegre: LPM, 1992.

VALDÍVIA, Márcia Barros. *A São Paulo Glamourosa. Encantos e Desencantos*. São Paulo: Pontifícia Universidade de São Paulo, 2008. Tese de Doutorado, 2008.

VELLOSO, Mônica. *Mário Lago: boemia e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VIGARELO, Georges. *História da beleza: o corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Fontes

ANDERSON, F. A moda dos cavalheiros: um estudo da Henry Poole and Co., alfaiates da Savile Row 1861-1900. *Fashion Theory: a revista da moda, corpo e cultura. Masculinidades [edição especial]*, edição brasileira, n. 4, dez. 2002.

Cordis. História: Cidade, Esporte e Lazer, São Paulo, n. 14, p. 38-54, jan./jun. 2015. ISSN 2176-4174.

MURGER, Henri. *Cenas da vida boêmia*. Porto: Lello e Irmão, s/d.

NEVES, Eduardo Marcos. *Nunca houve um homem como Heleno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

Recebido em 16 de fevereiro de 2015; aprovado em 22 de junho de 2015.